intexto
E-ISSN 1807-8583

UFRGS
PPGCOM

Artigo

A aventura crítica da semiótica[1]

Alexandre Rocha da Silva
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Porto Alegre, RS, Brasil
ORCID https://orcid.org/0000-0002-1194-6438

Alessandra Pereira Werlang
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Porto Alegre, RS, Brasil
ORCID https://orcid.org/0000-0001-5035-8623

André Correa da Silva de Araujo
Associação de Práticas e Pesquisas em Humanidades, Porto Alegre, RS, Brasil
ORCID https://orcid.org/0000-0002-3579-2963

Bruno Bueno Pinto Leites
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Departamento de Comunicação, Porto Alegre, RS, Brasil
ORCID https://orcid.org/0000-0003-1736-1382

Caio Ramos da Silva
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Porto Alegre, RS, Brasil
ORCID https://orcid.org/0000-0001-9918-2569

Cássio de Borba Lucas
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Porto Alegre, RS, Brasil
ORCID https://orcid.org/0000-0003-1642-8274

Felipe Maciel Xavier Diniz
Centro Universitário Ritter dos Reis, Porto Alegre, RS, Brasil
ORCID https://orcid.org/0000-0002-9454-1160

Gabriel Pio Nonino
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Porto Alegre, RS, Brasil
ORCID https://orcid.org/0000-0002-0437-6350

Guilherme Gonçalves da Luz

[1] Nota dos editores: Este texto foi produzido a partir das discussões ocorridas no âmbito do Grupo de Pesquisa em Semiótica e Culturas da Comunicação (GPESC). Uma versão foi publicada em julho de 2020 no dossiê Semiótica da Comunicação, da revista *Semeiosis*, e outra versão integra a primeira parte do livro *Semiótica Crítica e as Materialidades da Comunicação* publicado também em 2020 pela Editora UFRGS.

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Porto Alegre, RS, Brasil
ORCID https://orcid.org/0000-0002-0493-8755

Jamer Guterres de Mello
Universidade Anhembi Morumbi, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, São Paulo, SP, Brasil
ORCID https://orcid.org/0000-0003-1771-204X

João Fabricio Flores da Cunha
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Porto Alegre, RS, Brasil
ORCID https://orcid.org/0000-0002-3347-0872

Lennon Pereira Macedo
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Porto Alegre, RS, Brasil
ORCID https://orcid.org/0000-0002-3686-0550

Luis Felipe Silveira de Abreu
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Porto Alegre, RS, Brasil
ORCID https://orcid.org/0000-0002-2460-5165

Luiza Müller
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Porto Alegre, RS, Brasil
ORCID https://orcid.org/0000-0002-3397-7091

Marcelo Bergamin Conter
Instituto Federal do Rio Grande do Sul, Alvorada, RS, Brasil
ORCID https://orcid.org/0000-0002-1413-8903

Marcio Telles
Universidade Tuiuti do Paraná, Programa de Pós-graduação stricto sensu em Comunicação e Linguagens, Curitiba, PR, Brasil
ORCID https://orcid.org/0000-0003-3968-0739

Mario Alberto Pires de Arruda
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Porto Alegre, RS, Brasil
ORCID https://orcid.org/0000-0003-1455-7224

Suelem Lopes de Freitas
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Porto Alegre, RS, Brasil
ORCID https://orcid.org/0000-0002-2146-2840

Resumo

A aventura crítica da semiótica percorre as principais teses sobre a semiótica e a comunicação conforme trabalhadas na primeira etapa da pesquisa *Semiótica Crítica*, denominada *Por uma teoria das materialidades na comunicação*. Nela, o Grupo de Pesquisa Semiótica e Culturas da Comunicação procurou discutir as potencialidades e limites de uma perspectiva comunicacional não somente fundamentada nos trabalhos fundadores da semiótica (Saussure, Peirce) e desenvolvida em seus modelos estruturalistas (como em Jakobson, Barthes, Hjelmslev e Lotman), mas também revisitada pelos textos que operaram uma desconstrução do estruturalismo pelo interior dos postulados deste próprio estruturalismo (Derrida, Kristeva, Deleuze, Guattari). O artigo apresenta esta proposta pelos modos como a pesquisa trabalhou com dez desconstruções ligadas a conceitos e problemas teóricos centrais ao debate das materialidades da comunicação: semiótica, comunicação, materialidades, presença, fenômeno, *representâmen*, meios, signo e significante, estrutura e sistema, sugerindo uma passagem das materialidades à imanência de uma comunicação micropolítica e pós-humana.

Palavras-chave

Comunicação; Estruturalismo; Pós-estruturalismo; Semiótica crítica

Semiótica Crítica é uma ideia inspirada em uma pequena nota escrita por um severo crítico da Semiótica. O livro: *O espelho e a máscara: o enigma da comunicação no caminho do meio*. O autor: Ciro Marcondes Filho.

Marcondes Filho (2002, p. 187) reconhece no trabalho de autores como Michel Foucault, Jacques Derrida e Gilles Deleuze o desenvolvimento daquilo que denomina *Semiologia Crítica*. Tal expansão do universo semiológico para uma perspectiva pós-estruturalista circunscreve novos desafios para todos aqueles que, ao longo do século vinte, se empenharam em conhecer as formas das linguagens.

À luz de tal perspectiva pós-estruturalista, a centralidade da linguagem e a centralidade do humano são postas em xeque. O pensamento semiótico, ainda jovem, chegava aos anos 1960 em uma encruzilhada: com o estruturalismo, havia promovido os mais severos descentramentos e as mais duras críticas às essencialidades metafísicas; havia instaurado um novo pensamento e, ao mesmo tempo, via-se encurralado pela ofensiva desconstrucionista de

Derrida, pelas formações discursivas de Foucault e pela proposta maquínica e rizomática de Deleuze e Guattari.

Muitas leituras apressadas afirmaram a morte da Semiótica. Afirmam essa morte até hoje, escavando o que consideram silêncios. No entanto, Roland Barthes e Jacques Derrida insistiam, respectivamente, na ideia de que uma crítica à semiologia e ao estruturalismo só seria possível se feita por dentro de tais sistemas. Ciro Marcondes Filho, Roland Barthes e Jacques Derrida têm em comum o diagnóstico – o diagnóstico de um impasse –, mas oferecem ao impasse alternativas diversas.

Esta proposta segue os rastros de Barthes e Derrida ao elaborar uma crítica à Semiótica por dentro dela própria, especulando sobre deslocamentos possíveis, oferecendo indicadores de sua vitalidade e descortinando novas problemáticas. Marcondes Filho (2002) chamou de Semiologia Crítica o trabalho desses autores. Essa ideia insinuada em uma nota de rodapé foi o *insight* decisivo para a proposição de uma pesquisa sobre as ideias a que denominamos Semiótica Crítica. Contrariando o autor e promovendo nosso primeiro deslocamento, denominamos Semiótica e não Semiologia por três razões. A primeira, em função do acordo realizado ainda no ano de 1969[2] de nominar como Semiótica a todos os estudos do signo e de considerar a Semiologia como uma das funções semióticas. A segunda, pela inegável influência exercida pelo pensamento de Peirce, especialmente sobre os escritos de Gilles Deleuze acerca do cinema. E a terceira porque entendemos a atividade semiótica tanto em seus aspectos metateóricos e metacríticos, quanto em suas processualidades assignificantes, em seus encadeamentos rizomáticos. Reconhecemos haver agenciamentos de ordem metassemiótica e agenciamentos de ordem de composição que, uma vez articulados, produzem o mapa que se quer reconhecer como expressão das novas problemáticas a serem enfrentadas pelos estudos semióticos.

Embora estudos do signo e seus problemas correlatos de referência, significação e produção de sentido possam ser encontrados já na filosofia clássica, a Semiótica propriamente dita surge, de um lado, com os escritos de Charles Sanders Peirce que a compreende como sinônimo de lógica e, de outro, em uma breve sugestão de Ferdinand de Saussure (2012) em seu *Curso de Linguística Geral* ao indicar que estaria por vir uma nova ciência, responsável pelo estudo de todos os sistemas de signos e não apenas dos verbais.

[2] A *International Association for Semiotic Sudies* decidiu em 1969 adotar o termo semiótica como equivalente ao termo semiologia (ECO, 1991, p. 1).

Esta fase da descoberta tem relevância fundamental para praticamente todo o pensamento desenvolvido ao longo do século XX. A produção deste período influenciou os estudos de inteligência artificial, cibernética e ciências cognitivas, por um lado; psicanálise, antropologia estrutural, ideologias e cultura, por outro. Mais do que se legitimar como disciplina, campo ou epistemologia, a Semiótica operou, naquele momento, como uma espécie de revolução molecular, agindo sempre em devir menor: fundamentou mais o desenvolvimento de diferentes saberes do que produziu modelos autorreferenciais que lhe outorgariam um estatuto de disciplina semelhante ao da sociologia, antropologia ou ciências cognitivas. Reconhecemos nesse devir menor seu mais poderoso legado. É este devir que viemos explorando em nossos mais recentes trabalhos.

Entretanto, não poderíamos deixar de reconhecer que a Semiótica também desenvolveu modelos explicativos próprios, em sua segunda fase de desenvolvimento. Com Hjelmslev, Barthes, Greimas e Lotman, por exemplo, as ideias dos inventores da semiótica moderna ganharam contornos precisos. Revisões e deslocamentos foram feitos para que o mundo da linguagem fosse melhor compreendido nesta fase de ouro dos estudos semióticos, quando todo o potencial criativo do primeiro período foi atualizado em modelos que até hoje servem como referência para os estudos de linguagem.

Paradoxalmente, ao longo da história, estes mesmos modelos tão criativos deixaram de ser resultado de uma operação de criação e passaram a servir como parâmetro ideal para quaisquer investigações. Seu maior valor – a capacidade de predizer – deixou de ser uma virtude e passou a ser um dispositivo de coerção. Foi Barthes (2001) quem sabiamente percebeu que suas *Mitologias*, inventadas para desmontar a ordem discursiva burguesa cujo objetivo era naturalizar seus próprios mundos, passou a servir como modelo para reificar uma dada modalidade de crítica.

Tal percepção barthesiana inaugura a crítica à Semiótica por dentro da própria Semiótica, evidenciando que o que subsiste é aquilo a que chamamos de Semiótica Menor, uma semiótica por vir cujo funcionamento deve ser compreendido a partir dos meandros dos agenciamentos infraestruturais, assignificantes dos quais devêm tudo o que pode significar: o sentido, rigorosamente, vem do não sentido. Descrever tais agenciamentos passa a ser função dos estudos semióticos e a perspectiva do que aqui denominamos Semiótica Crítica.

Pouco antes deste Barthes crítico, aparecem os trabalhos de Jacques Derrida e de Julia Kristeva que reconhecem, respectivamente, o jogo e o genotexto como objetos preferenciais dos estudos semióticos. Com eles, inaugura-se a fase pós-estruturalista da semiótica, cujos

efeitos viemos explorando em artigos já publicados e no livro *Semiótica Crítica e as materialidades da comunicação*[3].

Há, portanto, uma semiótica anunciada como projeto em Peirce e em Saussure, uma semiótica propriamente dita em Hjelmslev, Barthes e Greimas e uma semiótica que não diz seu nome, com Foucault, Deleuze, Derrida e Latour. É esta terceira semiótica que queremos explorar sob a alcunha de Semiótica Crítica. Nosso objetivo é encontrar ressonâncias, deslocamentos, impasses e jogos capazes de renovar a vontade do saber semiótico.

Assim como a Semiótica Crítica é nossa perspectiva teórica, as materialidades da comunicação são o foco (problemático) do trabalho já desenvolvido. Não tratamos as teorias da comunicação sob a perspectiva funcionalista ou das teorias críticas, das teorias culturológicas e nem sob a perspectiva dos estudos de recepção. De cada uma delas, abordamos aspectos pertinentes às teorias das materialidades que são capazes de evidenciar os processos imanentes que sustentam a comunicação, tal como a pensamos.

Não pensamos a comunicação como transcendência. Pelo contrário, combatemos tal visada ao longo do trabalho que desenvolvemos nos últimos anos. A transcendência que caracteriza hegemonicamente as teorias da comunicação é aqui tomada como nossa antagonista principal. Temas caros à área como intencionalidade, manipulação, separação entre emissores e receptores, entre sujeitos e objetos e a linearidade do processo comunicativo expressa pelo modelo de Laswell[4] ou de Shannon e Weaver[5], além das perspectivas ligadas à construção pela comunicação de identidades, sejam elas gerais, diaspóricas, mestiças ou híbridas são deixados de lado. O que toma o seu lugar são os agenciamentos maquínicos que subjazem a todas essas questões e constituem uma espécie de comunicação infraestrutural. Para os semiólogos da segunda fase, esses agenciamentos

[3] *Semiótica Crítica: por uma teoria das materialidades na comunicação* é uma pesquisa preparada a muitas mãos. Ao longo de três anos de pesquisa, apoiados pelo CNPq e pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, pesquisadores de iniciação científica, de pós-graduação, mestres, doutores encontraram-se para a produção deste trabalho. Escrevemos, desescrevemos, reescrevemos tantas vezes cada parágrafo dos trabalhos, sempre de forma coletiva, que hoje não temos como identificar autoralidades. Em nosso pequeno mundo, as cercas da propriedade sobre o texto estavam definitivamente desfeitas. Para nossa alegria. Esse processo de desmonte da autoralidade já era, desde o início, consciente para nós. Sabíamos que a escrita não era nossa, que estávamos no fluxo de outras escritas que, essas sim, nos produziam. Tínhamos, no entanto, que dar uma assinatura ao trabalho. O regime de signos em que nos encontramos ainda não dispensa tais formalidades, infelizmente. As cercas são exigidas especialmente para que possam nomear os responsáveis. Sucumbindo parcialmente ao jogo e depois de muito debate, influenciados por Barthes (2004), que afirmava que o autor não precede a obra, mas é efeito dela, credenciamos ao coletivo a autoria. Esse coletivo tem o nome do nosso grupo de pesquisa: Grupo de Pesquisa em Semiótica Crítica, o GPESC.

[4] Em seu modelo de comunicação, Harold Lasswell (1948) apontava cinco questões cruciais para a compreensão correta da mensagem midiática: Quem? Diz o quê? Através de que canal? A quem? Com que efeito?

[5] Em 1949, Shannon e Weaver publicaram uma teoria de comunicação intitulada *Teoria Matemática da Comunicação* (SHANNON; WEAVER, 1949) cujo objetivo era medir a quantidade de informação contida numa mensagem e a capacidade de informação de um dado canal, quer a comunicação se efetue entre duas máquinas, dois seres humanos ou entre uma máquina e um ser humano.

correspondiam à própria estruturalidade da linguagem. Para eles, era a linguagem que estruturava os processos comunicativos. Basta observar o brilhante deslocamento produzido por Roman Jakobson (1995) do paradigma transmissionista norte-americano da comunicação para o paradigma da linguagem: não se trata mais de emissor, mas de uma função emotiva (linguageira); de receptor a função conativa; de uma mensagem a uma função poética; de um canal a uma função fática; de um contexto a uma função referencial; de um código a uma função metalinguística (ou metassemiótica, como preferimos). Esse deslocamento operado por Jakobson não estabelece uma correspondência, por exemplo, entre emissores e função emotiva como muitas leituras apressadas fazem crer, mas opera uma verdadeira revolução na compreensão do que seja o objeto da comunicação: não é a transmissão linear de uma mensagem, mas um processo que envolve relações complexas entre diferentes linguagens cujo efeito é a produção de um sujeito emissor ou receptor, de uma mensagem ou mesmo de uma referência.

A virada linguística, que sustenta a semiótica da segunda fase, muito nos ensinou sobre a comunicação, evidenciando que aos atos comunicativos subjazem processos linguageiros que modelizam e enformam quaisquer comunicações. Portanto, por direito, tais processos deveriam ser considerados nos estudos de comunicação. Umberto Eco sustenta em *Tratado Geral de Semiótica* (1991) que todo processo de comunicação, que não é outra coisa que o trabalho de produção de signos, é sustentado por sistemas de significação que tornam a comunicação possível. Logo, seria possível pensar formas puramente semióticas (como a ideia de que toda frase é formada por um verbo e/ou um nome) sem sua devida atualização comunicativa; mas isso, acrescenta o autor, teria pouca relevância, uma vez que os sistemas só são pertinentes quando movidos por uma vontade de comunicação. Eis a indissociabilidade epistemológica entre os estudos semióticos e os estudos de comunicação.

Infelizmente, a compreensão de que a linguagem estrutura e modeliza todo o processo comunicativo ainda não se fez plenamente presente nas modernas teorias da comunicação. Entretanto, mesmo que muitas delas ainda sejam subservientes a paradigmas pré-linguísticos, a crítica pós-estruturalista de Derrida, Foucault e Deleuze e Guattari colocou o pensamento comunicacional em xeque ainda no final dos anos 1960.

O que estava sendo posto em xeque por esses autores quando inauguram aquilo a que Marcondes Filho (2002) chamou de Semiologia Crítica e nós denominamos de Semiótica Crítica? Precisamente, a centralidade do verbal sobre os demais sistemas semióticos. Ainda que reconheçam os importantes deslocamentos propostos desde Jakobson, insistem na ideia

de que outros sistemas operam de maneira ainda mais abstrata que o linguístico: as redes discursivas e seus processos de dispersão e institucionalização em Foucault; o jogo em Derrida com seus rastros e semioses infinitas; as semióticas assignificantes em Deleuze e Guattari que maquinicamente compõem agenciamentos de diferentes ordens e com diferentes substâncias.

A compreensão de como operam tais máquinas é o desafio colocado aqui à Semiótica Crítica.

* * *

Enfrentamos esse desafio sem percorrer a totalidade das teorias da comunicação, o que seria inviável, mas desde uma abordagem que cresce em importância nos estudos de comunicação no Brasil: o ponto de vista das teorias das materialidades. Retomamos os fundamentos desta teoria junto aos estudos literários, percorremos sua tradução para o campo da comunicação, especialmente a partir do seu uso por autores brasileiros, apontamos suas potencialidades e identificamos alguns de seus limites para responder aos questionamentos propostos, desde os anos 1960, por essa semiótica que não ousou dizer seu nome.

Foi assim que percebemos que, aos autores filiados à perspectiva das materialidades, faltava considerar pelo menos dois fatores que julgamos fundamentais: a materialidade própria das relações (de trabalho, de produção sígnica) e uma compreensão espinosista do conceito de imanência, capaz de dar a ver as materialidades apenas como uma de suas atualizações[6], não como seu fundamento.

É nessa direção abrangente – das materialidades à imanência – que organizamos nossa argumentação. Dessa forma, nosso trabalho opera por desconstruções. Desconstrução, na perspectiva de Derrida, não é uma epistemologia ou sequer uma metodologia. Nós a utilizamos aqui como um dispositivo capaz de desmontar sentidos naturalizados em direção a uma multiplicidade (imanente) constitutiva de todo agenciamento semiótico que se quer livre.

Essas desconstruções operam em duas dimensões: uma relativa às teorias gerais: da semiótica, da comunicação e das materialidades; e outra de aspectos específicos que compõem tais teorias: a presença, o fenômeno, o representâmen, o meio, o significante, o signo, a estrutura e o sistema.

[6] O termo atualização aqui é usado na acepção de Henri Bergson (2005): a atualização é o que se realiza no espaço-tempo como processo de diferenciação do virtual.

A primeira grande desconstrução foi operada no âmbito da semiótica, como já explicitamos acima. Essa desconstrução implicou em retirar do centro o signo, afirmando a semiose como objeto de estudo; retirar do centro a língua para pensar as máquinas abstratas; e retirar do centro a linguagem, para reconhecer que as semióticas assignificantes e pós-humanas estruturam, inclusive, a linguagem. Daí a máxima: todo sentido vem do não-sentido. Traçar o mapa dos agenciamentos coletivos de enunciação e maquínicos do desejo associados aos processos de desterritorialização e de reterritorialização passa a ser o desafio de uma Semiótica Crítica.

Essa Semiótica Crítica entende que os postulados da linguística não correspondem ao nível mais abstrato da linguagem. Estes mesmos postulados são criações estáveis, molares, de um processo molecular ainda mais abstrato que lhes subjaz: os agenciamentos e suas reterritorializações. É possível perceber que há uma política molecular – uma micropolítica – a estruturar a língua e suas atualizações na fala. Essa política é de ordem assignificante, inconsciente, virtual. Talvez seja por essa razão que Deleuze e Guattari (1995) tenham afirmado que a linguagem é antes questão de política que de linguística.

A segunda grande desconstrução, também já explorada no início deste texto, é da comunicação. Reconhecida institucionalmente no Brasil como uma ciência social aplicada, os estudos de comunicação veem-se assombrados pelo empirismo e pela unidade fenomênica dos objetos. Não são raros os autores que a caracterizam a partir dos objetos de que trata ou que a reduzem às dimensões simbólicas das interações necessariamente humanas. O viés aqui adotado nega veementemente tais perspectivas. Pensamos que uma área não pode ser definida pelos objetos, uma vez que os objetos do conhecimento são construídos; e que há processos comunicativos não simbólicos que integram maquinicamente aquilo a que denominamos comunicação.

Vera França, por exemplo, afirma que a "[...] comunicação tem uma existência sensível; é do domínio do real, trata-se de um fato concreto de nosso cotidiano, dotada de uma presença quase exaustiva na sociedade contemporânea" (FRANÇA, 2001, p. 39). Em seguida, a autora chama atenção para que o objeto de comunicação não seja reduzido a tais existências sensíveis, ainda que delas parta, porque todo objeto do conhecimento é construído. Esta é uma chave importante para a Semiótica Crítica. Como construímos nosso objeto de conhecimento, o que consideramos nessa ação?

Preliminarmente, podemos dizer que não o construímos a partir de objetos empíricos delimitados no tempo-espaço. Neste sentido, o melhor seria dizer que os desconstruímos,

denunciando sua identidade notadamente ideológica. Partimos desses objetos empíricos para investigar as operações virtuais que, por processo de diferenciação de si, produzem os tais objetos delimitados no espaço-tempo. Assim, na segunda fase da semiótica, o virtual aparecia tematizado nas instâncias da estrutura, da língua, das gramáticas. Na terceira fase – a pós-estruturalista – tanto as regras da língua quando a aparição sensível do texto são atualizações de processos virtuais assignificantes. Para nós, estudar comunicação é estudar os processos tradutórios entre virtualidades assignificantes, sistemas formais e aparição textual sensível de objetos e sujeitos em espaço-tempo delimitados.

Isso quer dizer que, em confronto com o pensamento de Martino (2001a, 2001b), que reconhece regimes comunicativos nos domínios físicos, biológicos e simbólicos para privilegiar o simbólico nos estudos de comunicação, entendemos a comunicação como um processo tradutório entre todas estas instâncias e entre elas e um domínio ainda mais abstrato: o das relações virtuais maquínicas assignificantes. Desta forma, o objeto empírico torna-se não uma entidade que precisa ser conhecida em sua realidade naturalizada, mas o ponto de partida de uma desconstrução que o reconduz a sua realidade virtual, potencial, cujas comunicabilidades apresentam-se como processos ainda assignificantes, mas plenos de existência potencial.

E quem há de negar que tais processos configuram comunicação? Em nossa proposta, é a comunicação assim compreendida em seus processos tradutórios que se configura como objeto de investigação da semiótica da terceira fase, a Semiótica Crítica.

A terceira grande desconstrução dá-se com as materialidades da comunicação. A partir da literatura, Gumbrecht (2010) propõe uma teoria das materialidades para denunciar o fetiche da significação e para afirmar a existência de experiências afetivas próprias da matéria do mundo que são irredutíveis às formas da razão, à interpretação e à hermenêutica. Com ele, todo um mundo sensível, afetivo, se apresenta como parte negligenciada de nossas práticas linguageiras; com ele, tais aspectos reivindicam sua pertença ao universo comunicativo, para além do simbólico defendido por Martino (2001a, 2001b).

A afirmação da presença da matéria e de suas semioses assignificantes nos aproxima do projeto gumbrechtiano. Entretanto, ao desenvolver suas ideias, o autor parece cair em uma armadilha ao separar a presença própria das materialidades do sentido, entendido por

ele como sendo do universo hermenêutico[7]. Em que pesem as ressalvas do autor, a dicotomia atrapalha o desenvolvimento efetivamente materialista do projeto anunciado de uma Teoria das Materialidades. Entendemos que é na semiose, ou seja, nos processos de diferenciação da matéria em cadeias semióticas complexas que um efetivo materialismo se expressa. Não há oscilações entre presença e sentido, mas encadeamentos, traduções. Encadeamentos e traduções imanentes.

Eis nossa principal contribuição: a imanência como garantidora da perspectiva materialista em sua ordem mais radical. A imanência é aqui pensada via Espinosa (2015) e não via estruturalismo que, na nossa opinião, comete o mesmo equívoco que Gumbrecht. "O texto, somente o texto, nada mais que o texto" é uma máxima estruturalista que só teria sentido material se pensada em sua perspectiva intertextual e genotextual, ou seja, em uma perspectiva que compreendesse tanto o universo virtual dos textos, a partir do qual um texto qualquer emerge, quanto uma perspectiva que considere o trabalho de produção do texto como igualmente material.

É Marx (2017) quem muito fortemente afirma que o trabalho é uma força material. É material assim como o produto por ele gerado também é material. Essa equação garante o materialismo das relações e configura a imanência que queremos reconhecer como constitutiva dos atos de comunicação: não só objetos e sujeitos são materiais, mas também são materiais as relações que os produzem e o trabalho exercido nessa produção. Julia Kristeva (2012) pensa esse trabalho como genotexto. O genotexto é inseparável do fenotexto, é a ele imanente. A compreensão das operações de tradução havidas entre o genotexto e o fenotexto aparecem para nós como problemáticas efetivamente comunicativas a serem enfrentadas por uma Semiótica Crítica.

Descortina-se o efeito de nossa desconstrução: o centro da Teoria das Materialidades não é a presença, a matéria ou o afeto, mas os processos igualmente materiais que colocam em jogo presenças e sentidos, produtos e processos. Trata-se, como queria Marx (2017), de um trabalho de produção da produção. Para nós, comunicação implica fundamentalmente o trabalho de produção: produção de sujeitos, produção de objetos e mensagens, produção de receptores, produção de circulação. Ao teatro do modelo de Shannon e Weaver, contrapomos a máquina produtiva materialista.

[7] Não compreendemos o sentido da mesma forma que Gumbrecht (2010), nós o compreendemos como sendo aquilo que expressa um acontecimento, irredutível às três dimensões da proposição: designação, manifestação e significação (DELEUZE, 1998).

Talvez, parafraseando o último texto de Deleuze *A imanência: uma vida* (2002; 2016), mas em outro contexto, pudéssemos afirmar como projeto desse trabalho: "comunicação, uma imanência".

Apresentadas as três principais desconstruções operadas nos nossos recentes trabalhos, faremos referências a outras mais pontuais, relativas a aspectos relevantes das teorias aqui abordadas. A primeira delas corresponde à nossa quarta desconstrução: a desconstrução da ideia de presença desenvolvida por Gumbrecht (2010). Compreendemos que Gumbrecht opôs presença e sentido para positivar a presença e, com ela, tudo o que implica materialidade diante de um pensamento ocidental colonizado pela hermenêutica. O que fizemos com sua contribuição foi retirar do centro a presença e levar adiante o procedimento derridiano, positivando a semiose havida entre presença e sentido para dar a ver efetivamente o caráter material das relações para além das substâncias. Não se trata de reduzir o material ao produto, ao afeto, à substância, mas de pensá-lo em diferentes aparições e também como trabalho, como genotexto, como relação. O que é efetivamente material são os processos tradutórios que constituem as semioses, no sentido peirceano do termo.

A quinta desconstrução refere-se à ideia de fenômeno, tal qual definido por Charles Peirce. Quando Gilles Deleuze escreveu seus postulados da linguística, em *Mil Platôs* (1995), afirmou preferir a semiótica de Peirce à semiologia de Saussure porque reconhecia em Peirce uma trama tradutória capaz de explicar como um elemento vai se transformando em outro, como a semiose funciona como expressão da ação do devir molecular. Entretanto, para o filósofo francês, esta semiótica concebia os fenômenos ainda de maneira fortemente descritivista: primeiridade, secundidade e terceiridade descrevem estágios, ainda que em contínua transformação. Diante desta constatação, Deleuze (1983) desconstrói o pensamento peirceano ao introduzir uma outra categoria: a zeroidade. A zeroidade diferencia-se de si e se atualiza como primeiridade, secundidade, terceiridade, garantindo a condição de imanência aqui defendida. Propor a zeroidade significa reconhecer a precedência assignificante, maquínica a tecer (micropoliticamente) as formas do fenômeno.

Nossa sexta desconstrução refere-se ao representâmen. Tradicionalmente o representâmen é a materialidade do signo a partir da qual se torna possível a semiose em suas funções de representação e de codificação. Toda semiose tem uma dimensão potencial que corresponde àquilo que uma dada materialidade tem capacidade de representar e de produzir. Assim, a voz como representâmen tem condições diferentes da imagem de gerar semioses; o jornal tem condições diferentes que o rádio; o mesmo ocorre entre a televisão e o

cinema. É possível encontrar convergências entre essas duas últimas sob o princípio do audiovisual, mas também é possível encontrar diferenças quando se leva em conta a especificidade do representâmen envolvido na semiose. Nós estamos mais interessados nas diferenças que nas semelhanças e imaginamos, na esteira de Gilles Deleuze, que o cinema e a televisão, posteriormente, criaram uma nova experiência cujo efeito é a produção de um novo pensamento até então impensado. Logo, o desafio posto à semiótica está em descrever com precisão a natureza desses novos signos, sem reduzi-los a classificações já conhecidas.

Entretanto, reconhecer que cada materialidade pode instaurar um novo pensamento no transcurso da semiose não nos exclui daquilo que uma teoria clássica das materialidades afirmaria sem quaisquer objeções. Daí a necessidade de novo descentramento, sob a perspectiva da imanência. A materialidade não está no representâmen, mas em todo o percurso tradutório da semiose: o objeto imediato é material sob a forma de ícones, índices e símbolos; o interpretante é material nos efeitos produzidos pela ação do signo e, mais importante, as relações entre os três termos são igualmente materiais. É a materialidade deste trabalho relacional que garante a integridade da tríade sem a qual o pensamento semiótico cairia novamente em falsos dualismos. Signo, objeto e interpretante são três fatores indissociáveis porque suas relações têm natureza imanente, material. Parece que estamos diante de um materialismo do signo. É isso que a Semiótica Crítica entrevê e que submete à crítica da comunidade acadêmica.

A sétima desconstrução é a dos meios. O tema é polêmico no campo da comunicação e vem sendo estudado sob diferentes perspectivas. Na semiótica, parece ter seu estatuto bem desenvolvido: o signo é o mediador por excelência e, a partir da sua materialidade, quaisquer mediações podem vir a ocorrer. Assim, o som, a escrita, o corpo, constituem-se como meios a partir dos quais as semioses produzem sentidos. Para a semiótica, não há pensamento sem signo. O princípio da medialidade implica reconhecer a centralidade do meio (mediador) que nos dá acesso ao mundo, tornando-o cognoscível por traduções que produzem efeitos interpretantes igualmente materiais.

Se as teorias semióticas reconhecem a materialidade dos meios como estruturantes essenciais de quaisquer semioses, McLuhan (2007) vai ainda mais longe ao dizer que o meio é a própria mensagem. A tese do autor canadense – também proveniente dos estudos literários – afirma que são os meios que instauram o universo estrutural de inteligibilidade de uma época. Como pensar Maiakovski sem a energia elétrica? E Joyce? E Mallarmé? Sua questão a respeito da comunicação não era a transmissão do significado de uma mensagem de um

emissor a um receptor, mas a compreensão dos limites e das potencialidades de um meio para tornar possíveis quaisquer interações. É nesse sentido que o meio é a própria mensagem. Para o autor, compreender uma mensagem é compreender seu meio; o resto é desse meio derivado. Analogamente a Deleuze (1983) quando afirma que o cinema criou um novo pensamento, McLuhan, ainda mais incisivo, vai afirmar que é o próprio meio a mensagem. Assim, aparece como objeto da Semiótica Crítica também o estudo desses meios, com seus ambientes e contra-ambientes cujas relações tornam visíveis e enunciáveis determinadas questões e, como tão bem demonstrou Foucault (2014), interditam tantas outras. Interditar aqui não quer dizer censurar, mas, ao contrário, quer dizer impossibilidade de enunciação. O interdito é o impensável de uma época. Nos meios atuais de comunicação há um interdito constituinte cuja inteligibilidade e enunciabilidade só se torna possível com a invenção de um novo meio, razão pela qual o significado de um meio é o meio que o antecedeu. Uma diacronia das relações entre ambientes e contra-ambientes tem muito a nos dizer sobre os processos semióticos materiais que estruturam as coordenadas espaço-temporais de um dado acontecimento.

Como desdobramento da questão relativa à materialidade dos meios, apresentamos as redes discursivas de Kittler (1990, 1999, 2010), autor que foi um importante intercessor para pensar esta semiótica da terceira fase que migra do signo para os discursos. Qual é especificamente a ordem material dos discursos? Foucault (2013a, 2013b, 2016) e Kittler (1990) nos apresentam evidências que são exploradas ao longo deste trabalho.

Se na semiótica da terceira fase o foco migrou dos signos para os discursos, ainda é preciso dar um passo atrás e reconhecer que no próprio debate sobre o signo e o significante – nossa oitava desconstrução – a questão das materialidades já se fazia presente. Saussure (2012) pensou o signo como produto de relações entre uma imagem acústica (significante) e um conceito (significado) para evidenciar que é exatamente nessa trama material que o sentido se produz e não nas relações de referência ou de designação como queria crer a tradição. Posteriormente, nos anos 1960 e 1970, Jacques Derrida (1973, 2009) retorna a Saussure para denunciar que ele havia expulsado o referente de sua linguística, mas havia criado o significado como conceito transcendental, localizado no interior do signo. Um novo desafio se impunha: reconhecer o jogo dos significantes como produtores do efeito significado, este igualmente material.

Em sentido semelhante, Lacan (2011) reconhece a primazia do significante sobre o significado. Em seu célebre estudo sobre o conto de Edgar Allan Poe *A carta roubada*, o

psicanalista francês mostra de que forma papéis são distribuídos entre actantes, não importa quais sejam. A posse da carta confere ora a rainha ora ao Ministro o papel de proprietário dissimulado, o papel de quem rouba a carta é ora do Ministro ora de Dupin, o papel de quem nada vê ora é do rei ora é do inspetor de polícia. Os actantes trocam os papéis, mas a cadeia significante permanece a mesma: os actantes são efeitos do jogo significante.

A cadeia significante nos serve para desconstruir algumas teorias da comunicação, mas também ela – a cadeia – precisa ser descentrada. Em relação às teorias, o reconhecimento da cadeia significante muda o foco da questão sobre o objeto da comunicação. O objeto não seria mais a mensagem transmitida, mas as cadeias significantes que distribuem os ditos papéis comunicativos. Um *lead* de jornal, por exemplo, funciona como uma cadeia que distribui funções de autoria (quem escreve), de fonte de informação (quem realizou a ação), de conteúdo e localização espaço-temporal (o que foi dito e quando) e de efeitos produzidos (quem sofreu e respondeu à ação). Note-se que tais papeis podem ser ocupados por diferentes actantes, não importam quais. Então, há algo na comunicação – uma espécie de constate estrutural – que se repete e que seria alvo de investigação semiótica.

Entretanto, essa mesma cadeia – é Lacan (1998, 2011) quem também admite isto em suas teses sobre o *real* – pode ser cindida pelo acontecimento. O acontecimento – desafio urgente e específico da comunicação, segundo Marcondes Filho (2004) – pode cindir a cadeia, reconfigurando os modos de distribuição de funções. Assim, na perspectiva da Semiótica Crítica, pensamos haver uma relação necessária entre acontecimento e cadeia significante cujas semioses – com suas tensões, suas linhas de fuga, suas desterritorializações e reterritorializações – nos caberia descrever.

Estrutura e sistema são focos, respectivamente, de nossa nona e décima desconstruções. A ideia de estrutura gerou múltiplos estruturalismos, mas o que permanece comum a todos é a ideia antiessencialista de que são as relações que produzem os objetos e os sujeitos, não o contrário. Nesta direção, a semiótica da segunda fase configurou tais relações em termos de linguagem. Assim, o estudo da língua ou do parentesco como sistema passou a ser o objetivo central dos estudos semióticos. As descobertas desta fase foram fundamentais e configuradoras da nova antropologia, sociologia, psicanálise e semiologia.

Ao tratar do assunto para desconstruí-lo, Deleuze e Guattari (1995) e Guattari (2005) foram categóricos ao afirmar que o problema dos estudos da língua como sistema não era sua excessiva abstração, mas, ao contrário, o fato de não serem suficientemente abstratos. Com isso, queriam afirmar, contra a tradição estruturalista que pensava que toda fala estava

contida na língua e que ao estudo da língua caberia descrever todas as possibilidades da fala, o fato de que também a língua era produção/criação de uma instância ainda mais abstrata a que denominaram virtual. No campo do virtual, agenciam- se molecular e micropoliticamente as semióticas assignificantes que, por processo de diferenciação de si, produzem tanto as falas quanto as regras que as tornam possíveis. Assim, o virtual próprio dos agenciamentos assignificantes é a esfera potencial que se realiza tanto nos sistemas da língua, responsáveis pela descrição dos possíveis em um dado regime de signos, quanto nas ocorrências das falas que se configuram como um trabalho de produção de signos.

É precisamente neste sentido que a linguagem se caracteriza primeiro como questão de (micro) política para depois tornar-se questão de linguística. É a terceira fase da semiótica desconstruindo antropofagicamente a segunda.

Por fim, a ideia de sistema, tão cara aos estruturalistas franceses quanto aos semioticistas da Escola de Tártu-Moscou, merece também ser desconstruída. Os sistemas, para Lotman (1996), se estruturam a partir de seu núcleo duro e de sua memória e se transformam a partir das relações que mantêm com os espaços alossemióticos (localizados para além das fronteiras de um dado sistema). Assim, o sistema traduz em seus próprios termos as informações advindas dos espaços alossemióticos. As fronteiras têm, nessa perspectiva, tanto a função de preservar a consistência do sistema quanto de filtrar aquilo que – vindo de fora – pode ser traduzido.

Esse modelo dominou a semiótica da segunda fase e influenciou debates acerca dos sistemas fechados e abertos, da *autopoiesis* e das diferentes formas de tradução semiótica. Há uma abertura para o fora alossemiótico que, paradoxalmente, pode tanto produzir diferenciações no próprio sistema quanto explodi-lo.

Em uma guinada pragmática (ou esquizoanalítica), propomos retirar o sistema do centro e ali colocar a ideia de máquina. Entendemos haver um maquinismo assignificante – que coloca em relação sujeitos, objetos, humanos e não-humanos sem quaisquer hierarquizações – que subjaz aos sistemas e que os formam ao mesmo tempo em que estatuem diferentes regimes de signos, diferentes regimes de dizibilidade e de visibilidade. A lógica semiótica é a do E, e não a da essencialidade. Assim, uma pedra pode funcionar como rocha, como peso para um papel, como uma arma, dependendo do agenciamento em que se insira. O desafio para a semiótica da terceira fase é descrever tais agenciamentos em seus processos de desterritorializações e de reterritorializações com vistas à compreensão da máquina abstrata que os enforma.

São dez as desconstruções propostas. Essas desconstruções, embora não exaustivas, dão forma a uma problemática contemporânea a ser enfrentada pelos estudos semióticos. Por enquanto, essa semiótica entrevista por Ciro Marcondes a respeito dos trabalhos de Foucault, Derrida e Deleuze/Guattari não ousa dizer seu nome.

Por nossa conta, a apelidamos de Semiótica Crítica.

Referências

BARTHES, Roland. **Mitologias**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

DELEUZE, Gilles. **A imagem-movimento**: cinema 1. São Paulo: Brasiliense, 1983.

DELEUZE, Gilles. A imanência: uma vida... **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 27, n. 2, p. 10-18. jul./dez. 2002.

DELEUZE, Gilles. **Lógica do sentido.** São Paulo: Perspectiva, 1998.

DELEUZE, Gilles. A imanência: uma vida... *In*: DELEUZE, Gilles. **Dois regimes de loucos**: textos e entrevistas (1975 – 1995). São Paulo: Editora 34, 2016. p. 407-413.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia. Vol 2. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

DERRIDA, Jacques. **A escritura e a diferença**. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2009.

DERRIDA, Jacques. **Gramatologia**. São Paulo: Perspectiva: Ed. da Universidade de São Paulo, 1973.

ECO, Umberto. **Tratado geral de semiótica**. São Paulo: Perspectiva, 1991.

ESPINOSA, Baruch. **Ética**. São Paulo: EDUSP, 2015.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013a.

FOUCAULT, Michel. **Ditos & Escritos II** – Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013b.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 24. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

FOUCAULT, Michel. **As Palavras e As Coisas**. 10 ed. São Paulo: Martins Editora, 2016.

FRANÇA, Vera Veiga. O objeto da comunicação: a comunicação como objeto. *In:* FRANÇA, Vera Veiga; HOHLFELDT, Antônio; MARTINO, Luiz C. (org.). **Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências**. Petrópolis: Vozes, 2001. p. 39-60.

GUATTARI, Félix. **Psicanálise e transversalidade**: ensaios de análise institucional. São Paulo: Ideias e Letras, 2005.

GUMBRECHT, Hans U. **Produção de presença**: o que o sentido não consegue transmitir. Rio de Janeiro: Contraponto, 2010.

JAKOBSON, Roman. **Lingüística e comunicação**. São Paulo: Cultrix, 1995.

KITTLER, Friedrich A. **Discourse Networks**: 1800-1900. Stanford, California: Stanford University Press, 1990.

KITTLER, Friedrich A. **Gramophone, Film, Typewriter**. Stanford: Stanford University Press, 1999.

KITTLER, Friedrich A. **Optical Media**. Nova York: Polity Press, 2010.

KRISTEVA, Julia. **Introdução à semanálise**. São Paulo: Perspectiva, 2012.

LACAN, Jacques. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LACAN, Jacques. **Escritos**. São Paulo: Perspectiva, 2011.

LASSWELL, Harold. The structure and function of communication in society. *In*: BRYSON, Lyman (ed.). **The communication of ideas**: a series of addresses. New York: Harper & Brothers, 1948. p. 37-51.

LOTMAN, Iuri M. **La Semiosfera I**. Semiótica de la cultura y del texto. Madrid: Ediciones Frónesis Cátedra Universitat de València, 1996.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Até que ponto, de fato, nos comunicamos?** São Paulo: Paulus, 2004.

MARCONDES FILHO, Ciro. **O espelho e a máscara:** o enigma da comunicação no caminho do meio. São Paulo: Discurso Editorial; Ijuí: Editora Unijuí, 2002.

MARTINO, Luiz C. De qual comunicação estamos falando? *In:* FRANÇA, Vera Veiga; HOHLFELDT, Antônio; MARTINO, Luiz C. (org.). **Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências**. Petrópolis: Vozes, 2001a. p. 11-25.

MARTINO, Luiz. Interdisciplinaridade e objeto de estudo da comunicação. *In*: HOHLFELDT, Antonio; MARTINO, Luiz; FRANÇA, Vera (org.). **Teorias da comunicação**: conceitos, escolas e tendências. Petrópolis: Vozes, 2001b. p. 27-38.

MARX, Karl. **O capital**: crítica da economia política. Livro I. 2 ed. São Paulo: Boitempo, 2017.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. São Paulo: Cultrix, 2007.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 2012.

SHANNON, Claude; WEAVER, Warren. **The mathematical theory of communication**. Urbana, IL, USA: University of Illinois Press, 1949.

Semiotic's critical adventure

Abstract

The critical adventure of semiotics courses through the main theses about semiotics and communication that have been discussed during the first stage of the research Critical Semiotics: Towards a theory of materialities in communication. In it, the Semiotics and Communication Cultures Research Group (GPESC) discussed the potentialities and limits of a communicational perspective not only based on the founding works of semiotic research (Saussure, Peirce) and developed in its structuralist models (Jakobson, Barthes, Hjelmslev, Lotman), but also revisited by ideas that deconstructed structuralism through the postulates of this very structuralism (Derrida, Kristeva, Deleuze, Guattari). The paper presents this suggestion by means of ten deconstructions related to concepts and theoretical problems which are key to the debate around the materialities of communication: semiotics, communication, materialities, presence, phenomenon, representamen, mediums, sign and significant, structure and system. In so doing, it suggests a move from materialities towards the immanence of a micropolitical and post- human communication.

Keywords

Communicaton; Structuralism; Post-structuralism; Critical semiotics

Como citar

SILVA, Alexandre Rocha da *et al.* A aventura crítica da semiótica. **Intexto**, Porto Alegre, n. 54, e-120299, 2022. http://doi.org/10.19132/1807-8583202254.120299

Recebido em 25/11/2021
Aceito em 25/11/2021

Copyright (c) 2022 Alexandre Rocha da Silva, Alessandra Werlang, André Corrêa da Silva de Araujo, Bruno Bueno Pinto Leites, Caio Ramos da Silva, Cássio de Borba Lucas, Felipe Maciel Xavier Diniz, Gabriel Pio Nonino, Guilherme Gonçalves da Luz, Jamer Guterres de Mello, João Fabricio Flores da Cunha, Lennon Pereira Macedo, Luis Felipe Silveira de Abreu, Luiza Muller, Marcelo Bergamin Conter, Marcio Telles, Mario Alberto Pires de Arruda, Suelem Lopes de Freitas. Creative Commons License. Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International License. Os Direitos Autorais dos artigos publicados neste periódico pertencem aos autores, e os direitos da primeira publicação são garantidos à revista. Por serem publicados em uma revista de acesso livre, os artigos são de uso gratuito, com atribuições próprias, em atividades educacionais e não-comerciais.

